

### 3 Os passos metodológicos

Como fiz a opção de realizar um estudo que atentasse às dinâmicas de um movimento estudantil e, mais especificamente, à construção de significados sobre a mídia entre um grupo de jovens, a ênfase em uma abordagem qualitativa me pareceu como um suporte mais apropriado. Como veremos adiante, tal escolha não engessa a gama de instrumentos utilizados em sua construção. Para Brandão,

*“ (...) a complexidade dos fenômenos sociais implica a impropriedade de qualquer ortodoxia metodológica e a necessidade de combinar angulações diferentes dos mesmos objetos. (2002, p.28)*

Para tal, foi priorizado o estudo de caso etnográfico (Dauster, 1997), pois esta abordagem, além de permitir descrever a complexidade de um caso específico a partir de diferentes técnicas de pesquisa – a observação participante e as entrevistas tornam-se companheiras - não traz a responsabilidade de se realizar uma etnografia, com toda a sua forma extremamente minuciosa, profunda e prolongada de observar.

O que o estudo de caso com base etnográfica herda da etnografia é a inspiração para o trabalho de campo e com ele, a observação atenta da realidade que se pretende investigar. Sociabilidades, lógicas e significados passam a ser observados e descritos a partir do ponto de vista do “outro”, o que inclui os termos e as maneiras de expressar valores, crenças e atitudes nativas. Através da observação participante foi possível acompanhar as práticas e táticas de um movimento estudantil, suas abordagens e produções textuais, além de aspectos organizacionais e avaliativos.

Assim, o estudo de caso com base etnográfica se baseia na fala de Geertz (1989:14), segundo o qual quando há busca de significados, a observação, o registro e a análise passam a ser transformados em anotações sobre discurso social, o que transforma acontecimentos passados em relatos interpretativos descritos com densidade. Identificar regularidades, símbolos, sistemas de relações e categorias que possam oferecer sentido analítico–interpretativo lhe é indissociável.

Por observação participante estou entendendo a abordagem antropológica tão bem resumida por Loureiro (2003:22): a aproximação do pesquisador ao local e aos sujeitos de onde os fenômenos emergem, procurando perceber as experiências cotidianas, a rotina, a organização física e espacial do espaço, a cultura material, os rituais e as condições em que os sujeitos atuam e assim, descrevê-los de forma densa.

### 3.1 Quando a metodologia faz perguntas à teoria

Como a minha pergunta não se restringia às formas como se organizam esses estudantes, mas às maneiras como foram construindo suas concepções sobre a mídia ao longo de suas histórias, considerei adequada a utilização de entrevistas. Da consideração intuitiva à ação foram longos os parênteses. Tudo o que eu sabia era que as perguntas que eu me fazia estavam ancoradas na Teoria das Mediações, indicada por Martín-Barbero (1997) e pensada em termos metodológicos por Orozco (1996). Interessava-me estudar não os produtos midiáticos, mas como os sujeitos lidam, interpretam e re-significam as informações e valores transmitidos pela mídia. Mas como fazer isso?

No campo da comunicação social, a Teoria das Mediações tem sido muito utilizada para fundamentar os estudos de recepção. Mas poderia a minha pesquisa ser classificada como uma pesquisa de recepção? Afinal, o que me interessava saber eram as posturas, idéias e formas que esses estudantes estavam usando para avaliar a mídia no decorrer do tempo - e não os caminhos interpretativos desenhados por eles a partir de algum produto audiovisual específico. Eu não queria saber o que pensavam e como viam o “telejornal x” ou a “telenovela y”. A minha busca sempre foi pelas *concepções* de mídia, pelos julgamentos, aproximações, afastamentos, gostos e críticas que esses estudantes se vêm construindo ao longo de suas histórias.

Para Brandão (2002), quando as fronteiras entre as áreas do conhecimento são flexibilizadas, torna-se necessário manter-se atento para as questões que os campos circunvizinhos enfrentam no trato de seus objetos. Alerta a essa recomendação, depois de diferentes leituras, idas a congressos (ALAIIC;

Compós 2005<sup>4</sup>) e conversas com pesquisadores da área de Comunicação Social – que passaram a fazer parte da minha rotineira busca para fundamentar metodologicamente o estudo – percebi que o que me propunha não era um estudo de recepção.

O estudo de recepção realmente pressupõe algum produto midiático como base, seja ele audiovisual, impresso, virtual ou radiofônico. Mas isso não impedia a legitimidade do estudo das fontes de mediação através das entrevistas. O contato com a dissertação de mestrado de Guerin (2000) foi revelador para essa constatação. A autora mostra a exequibilidade da utilização da técnica de história de vida como instrumento viável para os estudos das mediações, além de localizar a sua preocupação metodológica com a de pesquisadores como Immacolata (2000:120), ao sublinhar que a tradução da teoria das mediações em projetos de investigação empírica seja o principal desafio dos estudos latino-americanos.

### 3.2 Os espaços e o “como” observar

Para Da Matta (1981:22), “o problema não é o de somente reproduzir e observar o fenômeno, mas substancialmente o de *como* observa-lo” e essa questão eu percebi, logo de início, que me seria bastante cara. Isso porque como esse grupo de estudantes específico encontra no mundo virtual formas complementares de expressão, de troca e de divulgação de idéias, considerei desperdício limitar a observação participante aos encontros, reuniões e congressos promovidos presencialmente. Passei a incluir à observação participante no “campo presencial” os percursos no “campo virtual” do grupo, através da inscrição e acompanhamento das listas de discussão, além de trocas de mensagens *online*.

Seguindo ainda instigada pelo “como observar”, estendi a realização de entrevistas aos estudantes oriundos de outros estados. Estar presente no COBRECOS – Congresso Brasileiros de Estudantes de Comunicação Social - durante toda a semana em que foi realizado me deu a oportunidade de não apenas observar, mas de entrar em contato com universitários de diferentes lugares do Brasil. Jovens do Pará, de Alagoas, do Maranhão, de Minas Gerais, do Sul, todos

<sup>4</sup> ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

circulavam por entre as mesas de debate, grupos de discussão e pelo improvisado refeitório.

Fiquei hospedada no mesmo alojamento que os estudantes, ou seja, no ginásio poliesportivo da FAESA (Espírito Santo, Vitória), faculdade-sede do encontro, por onde se subteve: fazer do saco de dormir uma cama e sentir falta de ao menos um ventilador para amenizar o forte calor; tomar banho no mesmo vestuário que as universitárias – sem divisórias; alimentar-me das quentinhas servidas nas três refeições diárias, estar à uma hora de ônibus de distância do centro de Vitória, ou seja, passar praticamente uma semana inteira isolada no campus. A intensidade desse contato foi fundamental para que me aproximasse do grupo. Quem resistiria? Sabia que tinha me proposto a observar o dia-a-dia da ENECOS no Rio de Janeiro. Os estudantes cariocas ainda me veriam por alguns meses observando suas reuniões e trocas de mensagens virtuais. Mas e esses estudantes com tantos sotaques, quando eu poderia reencontrar?

Num primeiro olhar, essa preocupação poderia soar excessiva. Afinal, o meu foco de estudo eram os estudantes de comunicação social que participam do movimento estudantil promovido pela ENECOS no Rio de Janeiro. Por que interrogar diferentes sotaques?

Achei que assim fazendo teria outras pistas, já que o movimento no Rio de Janeiro era pequeno, com uma média de 8 pessoas participando ativamente. Quis saber o que acontecia em outros contextos, em outras cidades. Estar no COBRECOS me permitiu esse contato e eu não quis desperdiçar. Pelo contrário, me deixou ainda mais instigada. Acho que esse manejo e improviso fazem com que eu veja o “fazer pesquisa”, de fato, como uma grande aventura – a aventura sociológica (Nunes, 1978).

A ENECOS divide o Brasil em 9 “regionais”, como dito anteriormente. No intuito de conseguir depoimentos de estudantes provenientes de diferentes regionais da ENECOS, além de garantir equilíbrio entre homens e mulheres, escolhi aleatoriamente estudantes que pudessem representar essas categorias. Entrevistei 13 estudantes, entre 18 e 23 anos (apenas um estudante tem 27 anos): 7 moças (Maranhão, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Pará, Alagoas) e 5 rapazes (São Paulo, Porto Alegre, 2 de Alagoas e Minas Gerais), conseguindo assim ouvir depoimentos a partir de diferentes contextos regionais.

Como o ritmo de atividades no Congresso era muito intenso, fiz as entrevistas na hora das refeições ou ao cair da noite, sempre ao ar livre – ora debaixo de árvores para saciar o calor de uma Vitória em pleno verão, ora sentada em paralelepípedos entre formigas e céus estrelados. Banquinhos em jardins, escadas, cantina: onde os estudantes se sentissem mais à vontade, eu me aproximava com o gravador e perguntas no bolso.

### 3.3

#### **Anotando o discurso social: recursos tecnológicos**

Importante ressaltar que recursos de áudio, foto e vídeo – além do papel e da caneta – estiveram presentes não apenas na observação, mas para as entrevistas. Tive o cuidado de sempre perguntar sobre a pertinência da utilização desses recursos, que só foi descrita como negativa uma vez e por isso, imediatamente suspensa. Mas em linhas gerais, talvez por serem estudantes de Comunicação Social e estarem familiarizados com a entrada de gravadores, microfones e câmeras de vídeo, a presença dos mesmos, diziam, não incomodava<sup>5</sup>. Ao final do trabalho, acumulei 22 fitas com gravações audiovisuais, num total de 33 horas de material.

Lidar com a entrevista é lidar com o outro, é ser um arqueólogo de falas e gestos. As entrevistas permitem ao pesquisador, se bem realizadas:

*“(...) uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecessem no interior daquele grupo (...)”*  
(Duarte:2004, p.2)

Um outro ponto foi muito importante para os passos metodológicos subsequentes: assim que as delegações de diferentes partes do Brasil chegavam à sede da FAESA com seus colchonetes e mochilas, eram lembradas pela C.O (Comissão Organizadora do COBRECOS) sobre a necessidade de entregarem todas as fichas de inscrição do grupo. A ficha pedia informações como nome,

---

<sup>5</sup> “Transformídia” é o nome do vídeo que produzi a partir do trabalho de campo, com duração de 30 minutos e que representa a síntese da observação participante realizada junto a ENECOS.

universidade, estado, *e-mail*, período, curso e a participação em outros encontros da ENECOS. Perguntava ainda se o estudante seguiria para o FSM (Fórum Social Mundial), pois muitos saíam de Vitória diretamente para Porto Alegre, rumo ao Acampamento da Juventude. A democratização da comunicação teria um espaço próprio para discussão no FSM e isso os motivava ainda mais o investir na “dobradinha”.

Por mais que a grande maioria dos estudantes que estavam no COBRECOS tenha priorizado continuar viagem, o reduzido intervalo entre o final do COBRECOS e o início do FSM acabou por fazer com que alguns estudantes optassem por participar de apenas um dos eventos: uns por causa do estágio – não conseguiriam ser liberados mais de uma semana; outros por falta de recursos financeiros ou ainda, por acharem que quase vinte dias morando em mochila e dormindo em saco de dormir seria cansativo. Essa teria sido uma das justificativas levantadas pela C.O para o “esvaziamento do encontro”. A C.O previa que as inscrições beirassem três centenas de participantes, mas contou com aproximadamente 180 estudantes, os “realmente interessados pela discussão política da ENECOS”, segundo os mesmos.

Pedi autorização para ter acesso às informações das fichas, a C.O se comprometeu em me repassar os dados assim que fossem digitados. Todo dia eu perguntava se já tinham digitado e as respostas não eram animadoras. Receosa em não conseguir voltar para casa com essas informações, não hesitei. Ofereci-me para digitar todas as fichas, contanto que pudesse levar uma cópia para a pesquisa. E assim foi feito. Quando voltei para o Rio, estava com as linhas iniciais para uma visão um pouco mais de cima, de sobrevôo, dos estudantes. Podia dizer de quais universidades tinham vindo, em qual período estavam, se já tinham estado em outros eventos promovidos pela ENECOS.

Por essa via, foi posto à disposição da pesquisa a lista contendo os *e-mails* de todos os participantes. Esses contatos chamaram a atenção para a possibilidade de serem aplicados questionários<sup>6</sup> a esses 180 alunos, oriundos de diferentes estados brasileiros. Tendo ciência da brevidade do tempo disponível para a realização da dissertação, o que propus não foi um alcance de comprovações estatísticas elaboradas através de um instrumento robusto, mas um questionário

---

<sup>6</sup> Uma cópia do questionário enviado segue em anexo.

reduzido, enviado pela Internet. A utilização de questionários, a meu ver, não descaracteriza o pressuposto dessa pesquisa, pois devido ao seu caráter exploratório inicial, teve como objetivo oferecer pinceladas específicas sobre estudantes de outras partes do Brasil. Seriam esses estudantes oriundos de universidades públicas ou particulares? Auxiliariam na renda familiar? Como poderia ser caracterizada a familiaridade do grupo com as novas tecnologias? E o primeiro contato com a ENECOS, como foi dado, através de quem? Essas foram algumas perguntas do levantamento, para as quais obtive 70 respostas.

### 3.4

#### **O lugar da pesquisadora. Entrada e permanência no campo**

Foram observadas no período de novembro de 2004 a julho de 2005 - das 23 reuniões marcadas, 19 sessões que duravam em média 3 horas cada uma. Esses encontros não aconteciam em um local fixo, embora a UERJ tenha sediado o maior número de encontros (oito vezes), seguida pela UFF (quatro vezes). Pinheiro Guimarães e Estácio-Bispo foram ponto de encontro duas vezes e a PUC-Rio, uma vez. A sede da TV Comunitária do Rio de Janeiro foi palco de reuniões de planejamento para o ato de lançamento da Telesul<sup>7</sup> (três vezes) e um debate promovido pelo Sindipetro foi divulgado uma vez. Além das reuniões, participei por sete dias consecutivos do XII Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social<sup>8</sup> (COBRECOS), realizado no início do ano em Vitória, no Espírito Santo e dos três dias de duração do Erecom – Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social, realizado em um colégio de aplicação do Rio de Janeiro. Também estive presente no maior encontro realizado por esses estudantes, o ENECOM – Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, realizado durante uma semana na UFAL – Universidade Federal de Alagoas, em setembro de 2005.

Acompanhei os dois atos públicos pensados pela Regional Rio: o primeiro, em julho, chamava atenção para o lançamento da Telesul, o que incluiu a exibição

<sup>7</sup> Emissora multiestatal idealizada pelo então presidente da Venezuela Hugo Chávez, administrada também por Argentina, Uruguai e Cuba e com transmissão bilíngüe voltada para mostrar as lutas dos povos da América Latina.

<sup>8</sup> O artigo “O Movimento pela Democratização da Comunicação por jovens universitários” produzido a partir dessa observação, foi apresentado por mim na USP (maio 2005).

de fochas, distribuição de folhetos e a projeção do filme “A revolução não será televisionada”<sup>9</sup> em praça pública, mais especificamente nos Arcos da Lapa. Em outubro, por conta da III Semana Nacional pela Democratização da Comunicação, pude acompanhar o segundo ato público, intitulado “De costas para Hélio Costa” – o então Ministro das Comunicações. Estudantes reunidos a diferentes movimentos sociais organizaram na Praça XV uma movimentação que incluía passeata com fochas e cartazes, o lacramento simbólico da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), com distribuição de folhetos, carro de som e apresentação de diferentes grupos musicais.

Estar presente, observando as reuniões promovidas pela ENECOS no Rio de Janeiro (Regional Rio); acompanhar as táticas e práticas adotadas pelos estudantes; participar dos principais eventos promovidos pela entidade, acompanhar as discussões virtuais, analisar as produções textuais e materiais de divulgação (panfletos, cartazes) foram passos realizados na busca de uma imersão no campo, para que possibilitasse o maior detalhamento possível. Diário de campo, notas, registros sonoros e audiovisuais passaram a fazer parte desse contexto. Cheguei a pensar que, por estar utilizando equipamento para registro audiovisual em todas as observações, poderia estar construindo uma vídeo-etnografia. Mas fazendo uma leitura inicial sobre a bibliografia disponível sobre antropologia visual, percebi que esse é um campo específico, com seus pressupostos e metodologias. O que eu fiz foi apenas me apropriar de mais um recurso tecnológico para o registro das reuniões.

Devido à proximidade de idade e postura, a minha presença pareceu não chamar tanta atenção. Participei do congresso, das reuniões e dos encontros me vestindo de maneira tão informal quanto o grupo. Em nenhum momento quis atrelar ao meu lugar de investigadora uma personagem formal, distante e objetiva. Isso não impedia que a minha posição naquele espaço social não tenha conseguido ficar, com o tempo, bem delimitada - ao menos para mim. Se o grupo não conhecia esses limites – e não os defini *à priori*, por acreditar que assustaria e engessaria o contato. Com o passar dos dias, tanto eles como eu fomos aprendendo esses demarcas.

---

<sup>9</sup> O documentário “The revolution will not be televised” foi filmado e dirigido pelos irlandeses Kim Bartley e Donnacha O’Briain, apresentando os acontecimentos do golpe contra o governo do presidente Hugo Chávez, em abril de 2002, na Venezuela. Duração: 74 minutos.

O fato de o grupo estudado ser formado por estudantes universitários, urbanos - alguns com noções de antropologia - reforçou a ida para esse lado. Ouvia todo o tipo de pergunta, desde interrogações sobre a metodologia, abordagem, até nome de orientador e motivações. “Mas que interesse alguém da Educação pode ter pelos estudantes de Comunicação?”, “Qual é a sua pergunta de pesquisa?”, “O que você está achando do COBRECOS, era o que você esperava?” foram algumas das diretivas lançadas a cada passo dado. Quando as mesmas ganhavam um teor comprometedor, eu me esquivava com suavidade, lembrando que meu papel naquele momento era outro, era muito mais de ouvi-los, de acompanhá-los, de ler o que produziam do que já ir colocando conclusões ou tecendo interpretações.

Aprendi assim que o distanciamento pode ficar bem em nossos pressupostos, como guia de nossos olhares e encadeamento de perguntas e relações, mas não necessariamente como forma de integração. Depois dos primeiros dias de convivência, não foram poucas às vezes que me diziam: “nossa, desculpa! Toda hora eu me esqueço que você está fazendo pesquisa!”. A aproximação em empatia com o grupo, conversações informais e contato prolongado deixava-os muito à vontade e era isso que eu buscava: uma atmosfera agradável de observação não apenas para mim, mas também para eles.

Só depois de nove meses de contato, da participação nos congressos, encontros, reuniões e eventos promovidos pela ENECOS no Rio de Janeiro, além do acompanhamento das listas de discussão, das comunidades virtuais e de trocas de mensagens por *e-mail*, que optei por realizar entrevistas formais com os estudantes mais ativos na Regional Rio. Foram selecionados dois estudantes de cada universidade (UERJ, UFF, PUC-Rio, UNESA, Pinheiro Guimarães e UNICARIOCA) compondo um conjunto de 11 universitários. Além disso, todo o material produzido, apoiado e divulgado pela ENECOS no período da observação (novembro de 2004 a julho de 2005; mais sete dias consecutivos em setembro – ENECOM e o acompanhamento de um ato público em outubro) foi utilizado para a análise.